

# Metodologia empírica para o estudo de ilocuções do português brasileiro

## Empirical methodology for the study of Brazilian Portuguese illocutions

Bruno Rocha\*

---

**RESUMO:** Esse trabalho tem como objetivos (a) apresentar uma metodologia empírica para o estudo das ilocuções extraídas de *corpora* de fala espontânea e (b) apresentar resultados relativos a cinco ilocuções (Advertência, Oferta, Exortação, Instrução e Ordem), no Português Brasileiro. A ilocução é definida como a dimensão acional do *enunciado*. O enunciado é a menor unidade linguística dotada de autonomia pragmática e prosódica, ou seja, um ato de fala (AUSTIN, 1962). Cada ilocução está associada a um conjunto de parâmetros prosódicos e parâmetros pragmático-cognitivos (CRESTI, 2000; MONEGLIA, 2011). A metodologia, de base empírica e experimental, possui três passos fundamentais: i. identificação das ilocuções em contexto natural; ii. descrição prosódica e pragmático-cognitiva das ilocuções; iii. realização de experimentos em laboratório para refinar as descrições anteriores. Também será analisada a atitude de Cortesia, por meio da manipulação de seus parâmetros prosódicos, com o intuito de argumentar que a veiculação da atitude, embora se dê também pela prosódia, ocorre em posições do enunciado diferentes da ilocução.

**PALAVRAS-CHAVE:** ilocução; atos de fala; atitude; *corpus*; Teoria da Língua em Ato.

---

**ABSTRACT:** This paper aims to (a) propose an empirical methodology for the study of illocutions extracted from spontaneous speech corpora, and to (b) present the results found for five illocutions (namely Warning, Offer, Prompt, Instruction and Order) in Brazilian Portuguese. Illocution is defined as the actional dimension of the utterance. The utterance is the shortest linguistic unit that can be pragmatically and prosodically interpreted, corresponding to a speech act (AUSTIN, 1962). Each illocution is associated with a set of prosodic and pragma-cognitive parameters (CRESTI, 2000; MONEGLIA, 2011). Based on an empirical-experimental approach, the methodology has three central procedures: i. identification of the illocutions in natural context; ii. prosodic and pragmatic-cognitive description of the illocutions; iii. laboratory experimentation to refine previously established descriptions. The attitude of courtesy will also be analyzed through the manipulation of its prosodic parameters, in order to argue that the expression of attitude, although conveyed through prosody, occurs in different positions within the utterance if compared to the illocution.

**KEYWORDS:** illocution; speech acts; attitude; corpus; Language into Act Theory.

---

### 1. Introdução

Esse trabalho tem como objetivos: (a) apresentar uma metodologia em desenvolvimento, baseada em corpus, para a identificação e descrição das ilocuções presentes na fala espontânea e (b) apresentar resultados relativos às ilocuções de Advertência (*Warning*),

---

\* Mestre em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da UFMG.

Oferta (*Offering*), Exortação (*Prompt*), Instrução (*Instruction*) e Ordem (*Order*) no Português Brasileiro, a partir de dados do C-ORAL-BRASIL<sup>1</sup>.

A ilocução é aqui entendida como a dimensão acional do enunciado; a ação que se cumpre sobre o interlocutor ao se realizar um enunciado. O *enunciado*, unidade de referência da fala, é definido como a menor sequência linguística dotada de autonomia pragmática e prosódica (CRESTI, 2000), ou seja, um ato de fala (AUSTIN, 1962). A ilocução diferencia-se da *atitude*, essa última entendida como a maneira pela qual uma ilocução é realizada (encorajadora, autoritária, sedutora, etc.), ou o *modus* do *actum*, parafraseando Bally (1950). Enquanto a ilocução pertence a um nível pragmático, a atitude é parte de um nível sócio-interacional (MELLO; RASO, 2011). Ilocução e atitude são categorias em interação, mas diferentes uma da outra.

A abordagem tradicional de estudos da ilocução possui uma importância inegável: as intuições de Austin sobre a natureza acional da linguagem e da sua relação com elementos linguísticos, bem como a preocupação metodológica de Searle foram fundamentais para colocar os atos de fala como objeto de pesquisa e estabelecer bases para o seu estudo. Todavia, a descoberta da íntima relação entre uma ilocução, sua realização prosódica e seu contexto pragmático-cognitivo (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003; CRESTI; MONEGLIA, 2005; RASO, 2012a) enfatiza a necessidade de se estudar as ilocuições sob uma perspectiva empírica baseada na análise de fala espontânea, já que o que se busca são as ações verbais efetivamente realizadas na natureza. Os recentes desenvolvimentos da Linguística de Corpus e os avanços tecnológicos que permitem gravações com alta qualidade acústica propiciam, finalmente, as condições adequadas para se alcançar esse objetivo.

A seção 1 do trabalho ocupa-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema dos atos de fala. A seção 2 aprofunda os conceitos de ilocução e atitude. A seção 3 discute as características de um corpus adequado ao estudo das ilocuições. A seção 4 apresenta a metodologia para o estudo das ilocuições e faz uma descrição preliminar das ilocuições de Advertência, Oferta, Exortação, Ordem e Instrução.

---

<sup>1</sup> O C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) é um corpus de fala espontânea do Português Brasileiro, com ampla variedade diafásica e de diatopia mineira, sobretudo da região metropolitana de Belo Horizonte. O corpus foi compilado segundo as diretrizes estabelecidas pelo consórcio C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005), que resultou em um corpus multilíngue de quatro línguas neolatinas (Italiano, Português Europeu, Espanhol e Francês). Assim, o C-ORAL-BRASIL é totalmente comparável aos corpora do C-ORAL-ROM.

## 2. Ilocução e atos de fala na literatura linguística

Austin (1962) é o primeiro a sistematizar a ideia de que toda interação verbal possui uma natureza acional. Primeiramente, o autor propõe uma divisão entre enunciados constatativos (passíveis de verificação) e declarativos (enunciados que realizam ações) para, em seguida, mostrar que, em última instância, todos os enunciados realizam ações. Em sua visão, os performativos não são primitivos linguísticos e parecem ter sido criados para expressar de maneira sistemática o tipo de ação que se deseja realizar. Os atos de fala constituem-se de três atos realizados simultaneamente à produção do enunciado: locução (conteúdo linguístico realizado pelo falante), ilocução (tipo de ação realizado, de natureza convencional) e perlocução (resultado da ação, não convencionalizado).

Searle (1969; 1979) desenvolve uma classificação de ordem lógico-sintática das classes de atos ilocucionários e identifica a estrutura profunda de cada uma delas. As classes são: *assertivos* (ato de compromisso do falante com relação à verdade da proposição), *diretivos* (tentativa de comprometer o interlocutor com uma linha de ação futura), *compromissivos* (ato em que o falante se compromete com uma linha de ação futura), *expressivos* (expressão de um estado de espírito ao interlocutor) e *declarações* (ato que cria correspondência entre o conteúdo proposicional e o mundo). O autor propõe também a existência de atos de fala indiretos<sup>2</sup>, uma vez que alguns enunciados possuiriam mais de uma força ilocucionária. Uma análise das classes de Searle mostra que o autor mistura, em suas definições, níveis linguísticos distintos<sup>3</sup>.

A importância de Austin e Searle para os estudos dos atos de fala é tamanha que, até hoje, as novas abordagens fazem referência a eles. Os autores mais próximos à tradição lógica se reportam principalmente a Searle. Nessa abordagem, um dos maiores expoentes é Vanderveken, que trabalha com o próprio Searle em refinamentos de sua teoria (SEARLE; VANDERVEKEN, 1985).

A análise dos atos de fala também foi utilizada na análise conversacional. Sbisà (1999) investiga o ato de fala de desculpa conjugando a visão de Austin com conceitos de Goffman

---

<sup>2</sup> Em uma situação em que um indivíduo profere a pergunta “Você poderia me passar o sal?” para pedir que o interlocutor passe o sal, teríamos, segundo Searle um ato de fala indireto. A *força ilocucionária primária* seria a de um pedido e a *força ilocucionária secundária* seria a de uma pergunta.

<sup>3</sup> Enquanto as diretivas dizem respeito à ação praticada por um falante sobre seu interlocutor (nível pragmático), a definição das assertivas coincide com a de modalidade epistêmica (BALLY, 1950), pertencente ao nível semântico do enunciado. Sobre a frequente confusão na literatura sobre as categorias de modalidade, ilocução e atitude, veja-se MELLO e RASO (2011).

(1971)<sup>4</sup>. Para a autora, a desculpa desempenha um importante papel na relação entre falantes, e esse aspecto não pode ser excluído da definição do ato ilocucionário. Logo, uma das consequências do ato é tida como parte do mesmo.

A nossa proposta se insere na visão de Cresti (2000), baseada na análise de corpora de fala espontânea. A autora compartilha com Austin a tripartição do ato de fala em locução, ilocução e perlocução. No entanto, para a autora, a perlocução não seria a consequência do ato de fala, mas sim sua motivação afetivo-pulsional<sup>5</sup>. A principal inovação de sua abordagem, porém, é a de reconhecer a íntima relação existente entre ilocução e prosódia. Segundo a autora, cada ilocução está associada a um conjunto de parâmetros prosódicos e, para veicular uma ou outra ilocução, o falante utiliza o perfil prosódico adequado. Cresti entende que não há índices ilocucionários sintáticos e que a relação entre ilocuições e palavras é probabilística (CRESTI, 2000). A abordagem de Cresti permite a análise de fenômenos típicos da fala como enunciados sem verbos e, até mesmo, sem expressões referenciais.

Por fim, destacamos um recente volume editado por Sbisà e Turnr (2013) em que é apresentada uma ampla gama de estudos que tratam da língua do ponto de vista acional sob perspectivas teóricas distintas.

### 3. Ilocução e atitude

Essa seção visa aprofundar as noções de ilocução e atitude, mostrando como constituem categorias diferentes, embora em interação.

#### 3.1. Ilocução

Para compreender o que é uma *ilocução*, é necessário começar pela definição de *enunciado*. Na tradição linguística, existe um consenso de que o enunciado (*utterance*) é a unidade de referência da fala, ou seja, a unidade de organização textual superior à palavra. O

---

<sup>4</sup> GOFFMAN, E. **Relations in public**. New York: Basic Books, 1971.

<sup>5</sup> O conceito de perlocução na visão de Cresti será aprofundado na seção 2.1.

enunciado opõe-se à frase, unidade de referência da escrita. Todavia, o conceito de enunciado varia de autor para autor, com consequências significativas para os seus estudos<sup>6</sup>.

Para nós, o enunciado é definido como a unidade linguística que realiza um ato de fala e é autônoma do ponto de vista prosódico. Essa é a definição proposta pela Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) – doravante TLA –, de base empírica e induzida a partir de estudos em corpora de fala espontânea realizados nos últimos 30 anos. Esse conceito é um desenvolvimento da proposta de Austin (1962) e compartilha com o autor a concepção de que todo ato de fala é constituído por locução, ilocução e perlocução. Todavia, enquanto Austin e Searle definem a perlocução como a consequência do ato e parecem não se preocupar com o elemento que ancora a ilocução (ou seja, com o que faz com que um falante realize uma certa ilocução e não outra), Cresti define a perlocução como a pulsão afetiva que motiva um ato de fala. A autora propõe que a ilocução seja considerada uma tradução em esquemas acionais socialmente convencionalizados de uma pulsão afetiva do falante<sup>7</sup>. Assim, não há relação de causa-efeito entre uma ação linguística e um estado de mundo posterior à sua realização (como, por exemplo, entre a ilocução de Asserção e uma perlocução de Convencimento)<sup>8</sup>. A perlocução, da forma com que é tradicionalmente definida, não faria parte do ato de fala do mesmo modo que a locução e a ilocução.

Outra importante contribuição da TLA é reconhecer a centralidade da prosódia na interface entre o domínio linguístico (locução) e o domínio acional (ilocução). Essa relação já fora intuída por vários autores, mas a TLA a elabora de forma particularmente pormenorizada

---

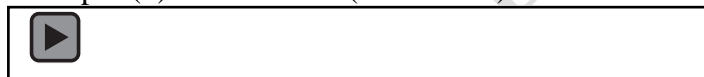
<sup>6</sup> Alguns teóricos consideram que o turno dialógico seja a unidade de referência da fala, visto que é uma unidade natural da comunicação verbal. Considerando que os turnos podem ser formados por uma única expressão linguística ou podem ser muito extensos, se estendendo por minutos, é difícil defender que, na linguagem oral, não exista uma unidade de referência entre a palavra e o turno. Outros autores entendem que o enunciado é uma "frase falada", ou seja, uma estrutura formada pelo verbo e seus complementos. No entanto, estudos baseados em corpora mostram que aproximadamente 35% de toda a comunicação verbal é estruturado em unidades que não apresentam nenhuma forma verbal (MONEGLIA, 2011; BIBER *et al.*, 1999). Dessa forma, a interpretação de enunciado como "frase falada" mostra-se inadequada por desconsiderar realizações linguísticas típicas da fala.

<sup>7</sup> Na psicanálise, a pulsão é um "processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo (...). O seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). A Teoria da Língua em Ato entende que uma das formas de suprimir o estado de tensão que origina a pulsão é realizar uma ilocução sobre o interlocutor. Como será visto adiante, cada ilocução está associada a uma determinada configuração de parâmetros prosódicos e pragmático-cognitivos, isto é, a um esquema acional socialmente convencionalizado.

<sup>8</sup> A visão de que não há relação direta entre ilocução e perlocução está presente também em ALSTON (1964). Segundo o autor, um enunciado como "Quer fazer o favor de abrir a porta?" (a) pode ter como efeito que alguém abra a porta; (b) pode gerar um estado de espírito (simpatia, terror, etc); (c) pode não ter consequência alguma. Assim, não haveria uma relação necessária entre a ilocução de *pedido* veiculada pelo enunciado e a perlocução que ocorre posteriormente à realização do enunciado.

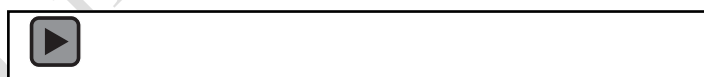
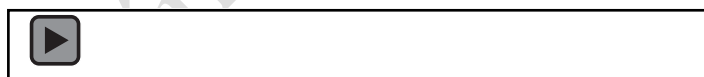
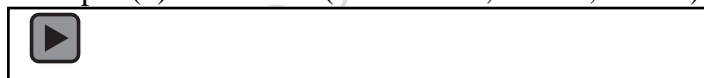
e sistemática. Em primeiro lugar, a TLA reconhece que prosódia é o elemento responsável por **segmentar o *continuum* da fala em enunciados e em suas unidades internas**: os enunciados são separados por quebras prosódicas de perfil terminal (CRYSTAL, 1975) e quebras de perfil não terminal assinalam suas unidades internas. Os enunciados podem ser constituídos de apenas uma unidade tonal (enunciado simples) ou de mais de uma unidade tonal (enunciado complexo). Os exemplos (1) e (2) mostram um exemplo de enunciado simples e um exemplo de enunciado complexo com o mesmo conteúdo locucionário. O enunciado complexo divide-se em duas unidades tonais, "as recarregáveis" e "tão aqui", separadas por uma quebra não terminal (marcada com "/"). Ouvindo o enunciado complexo até a quebra não terminal, um falante de PB não tem a sensação de que o mesmo é interpretável, ou seja, que é autônomo do ponto de vista prosódico. Isso ocorre somente na presença de uma quebra terminal (marcada com "//").

Exemplo (1) – em estúdio (áudio Ex.1)<sup>9</sup>



**\*BAL: as recarregáveis tão aqui //**

Exemplo (2) - bfamdl02 (áudios Ex.2, Ex.2-1, Ex.2-2)



**\*BAL: [14] as recarregáveis / tão aqui //**

Além de segmentar a fala, a prosódia é capaz de **assinalar funções informacionais às diferentes partes do enunciado**. O inventário das funções que uma unidade tonal pode assumir no enunciado é amplo<sup>10</sup> e, por esse motivo, nos concentraremos aqui na função necessária e

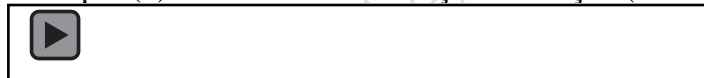
<sup>9</sup> Aproveitamos para explicar a nomenclatura dos arquivos de áudio a ser utilizada ao longo desse trabalho. Os três primeiros caracteres (**Ex2-1**) indicam o número do exemplo. O número após o hífen (**Ex.2-1**) indica uma edição. Em exemplos que possuem mais de um enunciado, que serão observados adiante, a letra "c" indica que o áudio contém o contexto do enunciado a ser analisado (**Ex9-c**). A letra "n" indica uma edição que contém somente o núcleo da unidade de Comentário (**Ex9-n**). A letra "m" indica que o áudio é uma manipulação do original (**Ex22-m**). Somente alguns exemplos possuem arquivos de contexto, de núcleo do Comentário, de edição e de manipulação. O conceito de núcleo do Comentário será apresentado posteriormente, em 2.1.

<sup>10</sup> Para uma descrição detalhada das funções informacionais descritas pela Teoria da Língua em Ato, ver RASO (2012a), CRESTI (2000), CRESTI e MONEGLIA (2005), MONEGLIA (2011).

suficiente para a constituição de um enunciado: a de veicular uma ilocução. Como dissemos anteriormente, todo enunciado veicula uma ilocução. Logo, todo enunciado possui uma unidade informacional dedicada a esse fim, a qual recebe o nome de Comentário. Assim, um enunciado simples é constituído somente pela unidade informacional de Comentário. No exemplo (1), o enunciado possui unicamente a unidade informacional de Comentário. É por meio dela que é veiculada a ilocução (nesse caso, uma Asserção). Já em (2), o enunciado possui duas unidades informacionais. Ouvindo-as separadamente – áudios Ex.2-1 e Ex.2-2 –, fica claro que a unidade de Comentário é a segunda delas ("tão aqui"), pois é ela que realiza a ilocução (também uma Asserção)<sup>11</sup> e é interpretável em autonomia.

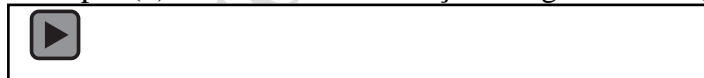
A prosódia é também responsável por cumprir uma terceira função: **atribuir um valor ilocucionário ao enunciado**. Cada ilocução está relacionada a uma determinada configuração de parâmetros prosódicos da unidade informacional de Comentário. Conseqüentemente, a alternância de padrões prosódicos do Comentário provoca diferentes ilocuições. Observemos os exemplos que se seguem.

Exemplo (3) – em estúdio – Ilocução: Asserção (áudio Ex.3)



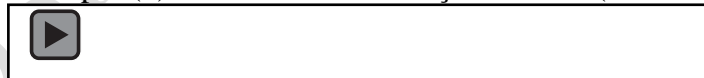
\*ZYX: vai pra Roma //

Exemplo (4) – em estúdio – Ilocução: Pergunta Polar (áudio Ex.4)



\*ZYX: vai pra Roma //

Exemplo (5) – em estúdio – Ilocução: Ordem (áudio Ex.5)



\*ZYX: vai pra Roma //

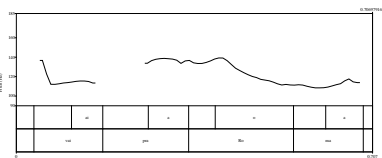


Fig.1 – Ex. (3)  
\*ZYX: vai pra Roma //  
Ilocução: Asserção

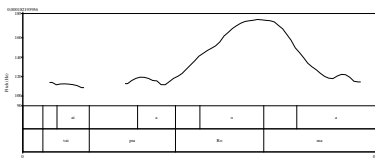


Fig.2 – Ex. (4)  
\*ZYX: vai pra Roma //  
Ilocução: Pergunta Polar

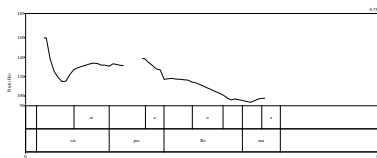


Fig.3 – Ex. (5)  
\*ZYX: vai pra Roma //  
Ilocução: Ordem

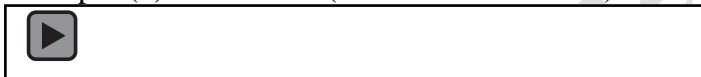
<sup>11</sup> Preferimos utilizar, até aqui, exemplos produzidos em laboratório para mostrar ao leitor como o conteúdo locucionário de um enunciado não tem uma influência direta sobre sua estrutura informacional. Posteriormente, utilizaremos exemplos extraídos de nosso corpus.

Nesses exemplos, temos três enunciados produzidos com o mesmo conteúdo locucionário, mas que veiculam ilocuções diferentes (Asserção, Pergunta Polar e ordem, respectivamente). As Figuras 1, 2 e 3, que mostram as curvas de  $F_0$  dos exemplos anteriores, não deixam dúvidas de que ocorre uma variação significativa desses parâmetros, o que é suficiente para provocar uma variação ilocucionária.

Vejamos de maneira um pouco mais aprofundada, como se dá esse processo.

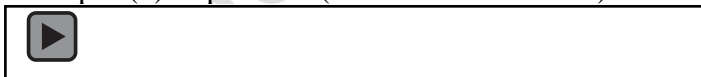
Se compararmos enunciados encontrados em contexto natural que veiculam a mesma ilocução, veremos que o número de sílabas da unidade informacional de Comentário e os seus parâmetros prosódicos podem variar significativamente entre eles. Os enunciados (6) a (8) são exemplos de Perguntas Polares que ilustram bem essa situação. O primeiro é um enunciado complexo, em que a unidade de Comentário é sucedida por outra unidade informacional. Os demais são enunciados simples.

Exemplo (6) - bfamcv11 (áudios Ex.6 e Ex.6-n)



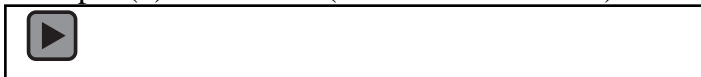
**\*CAR: [102] tirou a carne já / pai //**

Exemplo (7) - bpubdl01 (áudios Ex.7 e Ex.7-n)



**\*ROG: [265] deixar ea perto da árvore //**

Exemplo (8) - bfamcv11 (áudios Ex.8 e Ex.8-n)



**\*CAR: [18] - ontem //**



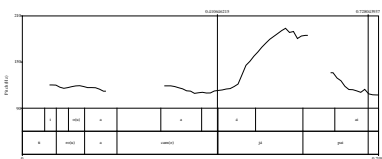


Fig.4 – Ex. (6)  
\*CAR: tirou a carne já / pai //

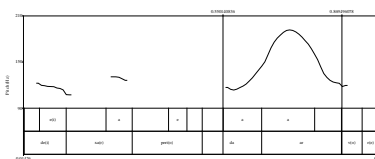


Fig.5 – Ex. (7)  
\*ROG: deixar ea perto da  
árvore //

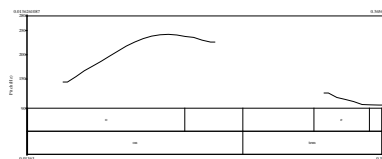


Fig.6 – Ex. (8)  
\*CAR: ontem //

Apesar das possíveis variações, um aspecto permanece constante comparando os traçados de  $F_0$  dos respectivos áudios: a configuração ascendente-descendente de  $F_0$  localizada na porção final da unidade de Comentário dos enunciados (6) e (7) e na totalidade do Comentário do enunciado (8). Nos três enunciados, basta ouvir essa única configuração para perceber que ilocução é uma Pergunta Polar (áudios Ex.6-n, Ex.7-n e Ex.8-n). Ou seja, ainda que a supressão dos demais segmentos traga prejuízos à interpretação semântica do Comentário, a interpretação ilocucionária não é, de modo algum, comprometida. Por esse motivo, dizemos que a **toda unidade informacional de Comentário possui um núcleo funcional**, com a função de veicular a ilocução do enunciado. A unidade pode ser formada exclusivamente pelo seu núcleo, como em (8), ou pode conter porções voltadas para o preenchimento lexical, quando seu conteúdo locucionário for extenso, como em (6) e (7). Se o preenchimento lexical posiciona-se antes do núcleo da unidade, é chamado de *preparação*. Se for colocado após o núcleo, é denominado *coda*. Se se encontra dentro do núcleo, dividindo-o em dois semi-núcleos, é chamado de *ligação*. Em (6) e (7), temos porções de preparação antecedendo o núcleo. Na seção 4.2, serão mostrados exemplos com porção de coda e ligação.

A TLA chama de *forma entonacional* o conjunto de parâmetros prosódicos segundo os quais o núcleo da unidade informacional de Comentário deve ser realizado para que veicule a ilocução a eles associados. Uma forma entonacional é formada por:

- 1) uma ou mais configurações de movimentos perceptualmente relevantes de *pitch* ('t HART *et al.*, 1990);
- 2) valores específicos de:
  - a. frequência fundamental (de ataque, média, mínima e máxima);
  - b. duração (das sílabas e das vogais);
  - c. intensidade;
- 3) alinhamento entre pontos específicos das configurações de *pitch* e sílabas.

Estudos baseados em corpora de fala espontânea realizados no LABLITA (Laboratório de Italianística da Universidade de Florença, Itália) identificaram mais de 80 ilocuções no Italiano (Quadro 1, a seguir), e as investigações têm mostrado que cada ilocução é sistematicamente realizada segundo a sua forma entonacional. Todavia, em alguns casos, uma mesma forma entonacional realiza mais de uma ilocução. Consequentemente, não há uma correspondência biunívoca entre ilocuções e formas entonacionais; em muitos casos, a razão é de duas ou mais ilocuções para a mesma forma entonacional.

Quadro 1 - Quadro de referência das classes ilocucionárias e das ilocuções encontradas no corpus LABLITA.

<b>REPRESENTATIVES</b>	<b>DIRECTIVES</b>	<b>EXPRESSIVES</b>	<b>rites</b>
Assertion taken for granted	Distal recall – not visible object	Exclamation	Declarations of legal value
Weak assertion	Distal recall – visible object	Expression of contrast	Greetings
Answering	Proximal recall	Expression of obviousness	Apologies
Commentary	Distal deixis	Softening	Welcome
Strong assertion	Proximal deixis	Expression of surprise	Congratulation
Identification	Presenting (object/event)	Expression of fear	Wishes
Ascertainment	Introducing (person)	Expression of relief	Compliments
Claim	Request of information	Expression of satisfaction	Thanks
Hypothesis / Supposition	Request of action	Expression of uncertainty	Condemnation
Explanation	Order	Expression of doubt	Condolences
Inference	Total question	Expression of certainty	Baptism
Definition	Partial question	Expression of wish	Promise
Narration	Alternative question	Expression of disbelief	Bet
Describing	Focal Question	Expression of pity	
Quotation	Request of confirmation	Irony	<b>REFUSALS</b>
Objection	Announcing	Complaint	
Concluding	Advising	Regret	
Confirmation	Warning	Imprecation	
Approval	Suggestion	Derision	
Disapproval	Proposal	Provocation	
Agreement	Recommend	Reproaching	
Disagreement	Invite	Hint	
Correction	Prompt	Encouragement	
	Permit	Assuring	
	Authorize	Threatening	
	Prohibition	Giving up	
	Instruction	Protest	
	Reported speech	Insult	
	Insinuation		
	Put in doubt		
	Defiance		

Fonte: Moneglia (2011, p. 490)

Quando temos um conjunto de ilocuções associadas a uma única forma entonacional, um pequeno grupo de parâmetros pragmáticos e cognitivos da situação comunicativa determina como a forma entonacional deve ser interpretada. Se uma forma entonacional for realizada em um dado contexto, dotado de um conjunto de parâmetros, será interpretada como uma dada ilocução. Se for realizada em outro contexto, com outro conjunto de parâmetros, será interpretada como outra ilocução. Em face disso, sustentamos que cada ilocução encontra-se em correspondência biunívoca com o conjunto formado pela (a) sua forma entonacional e (b) suas propriedades pragmático-cognitivas. Assim sendo, para se fazer uma descrição completa da forma entonacional de uma ilocução, é necessário descrever também seus parâmetros pragmático-cognitivos.

Antes de apresentar os parâmetros que se têm mostrado importantes para a descrição das ilocuções nas investigações conduzidas no LABLITA (Quadro 2), ressaltamos que: (a) os parâmetros identificados até então constituem uma lista em aberto que pode ser alterada sempre que outro parâmetro se mostrar relevante<sup>12</sup> ou que a definição de um dos parâmetros se mostrar inadequada; (b) nem todo parâmetro é relevante para toda ilocução (há ilocuções que se definem com base em alguns deles e há ilocuções que se definem com base em outros); (c) a quantidade de parâmetros relevantes para cada ilocução é muito pequena. As ilocuções encontradas até o presente momento se definem a partir de um grupo muito restrito de cerca de dois ou três parâmetros. A relevância de um parâmetro só pode ser comprovada com experimentos pré-planejados.

Quadro 2 – Parâmetros pragmáticos das ilocuções (continua)

Parâmetro	Descrição e exemplificação
Canal de comunicação <sup>13</sup>	Diz respeito ao canal de comunicação ter sido aberto previamente ou ser aberto com a realização da ilocução. Algumas ilocuções requerem que o canal de comunicação esteja fechado (ilocução de Chamamento Distal sem Objeto Visível). Outras requerem que o canal esteja aberto (ilocução de Pergunta Polar). Há também ilocuções que podem ser realizadas em ambos os contextos (ilocução de Dêixis).

<sup>12</sup> Apesar de os parâmetros pragmático-cognitivos constituírem uma lista aberta, experiências de pesquisa que vão desde FIRENZUOLI (2003) até o presente momento têm mostrado que os parâmetros já encontrados bastam para diferenciar as ilocuções. Acreditamos que ela possa ser acrescida somente em casos excepcionais.

<sup>13</sup> É muito raro encontrar uma ilocução que exija que o canal de comunicação fechado e que o horizonte atencional e o foco atencional não sejam compartilhados, como o Chamamento Distal sem Objeto Visível. Por outro lado, é frequente que uma ilocução exija ou admita que o canal de comunicação esteja aberto e que o horizonte e o foco atencionais sejam compartilhados.

Quadro 2 – Parâmetros pragmáticos das ilocuções (continuação)

Parâmetro	Descrição e exemplificação
Horizonte atencional	A posição do objeto da ilocução com relação ao campo de visão do falante e de seu interlocutor. O horizonte atencional pode ser compartilhado, caso o objeto esteja no campo de visão de ambos (ilocução de Apresentação), ou pode não ser compartilhado (Chamamento Distal sem Objeto Visível <sup>14</sup> )
Foco atencional	A posição do objeto da ilocução com relação ao foco de atenção do falante e de seu interlocutor. O foco atencional pode ser compartilhado, caso o objeto esteja no campo de visão de ambos (ilocução de Cumprimento) ou pode não ser compartilhado.
Relação entre falante e interlocutor	Tipo de relação existente entre falante e interlocutor que seja necessária para a realização do ato. Não deve ser interpretada como relações sociais, mas como relações pragmático-cognitivas (relações vigentes em uma situação, contingentes, que permitem que o falante realize a ilocução). Para a realização da ilocução de Ordem, é necessário que o falante acredite ter um controle contextual sobre seu informante. Isso pode ocorrer, por exemplo, no caso do falante perceber uma urgência na necessidade de seu interlocutor alterar sua linha de ação. Há também ilocuções que não exigem relações particulares (Asserção).
Implicações de conhecimento	Divide-se em: i. exigência de conhecimento prévio por parte do falante; ii. necessidade de geração de conhecimentos pelo locutor em seu interlocutor; iii. as duas opções anteriores; iv; nenhuma das opções anteriores. Algumas ilocuções exigem que sejam gerados conhecimentos no interlocutor (ilocução de Instrução). Outras não exigem (ilocução de Confirmação). Há ilocuções que não dependem de um falante possuir conhecimento prévio, ao contrário de outras (ilocução de Ordem).
Operabilidade	Possibilidade do objetivo da ilocução ser realizado na situação comunicativa. Algumas ilocuções devem ter um resultado operativo no contexto, enquanto o resultado de outras pode ser realizado posteriormente. A Pergunta Polar deve ser operativa no contexto: quando ela é realizada, espera-se que o interlocutor reaja à mesma no contexto de enunciação. Na Instrução, não é necessário que o interlocutor realize o procedimento descrito pela ilocução na mesma situação comunicativa. É possível instruir alguém sobre como essa pessoa deve se comportar em alguma situação no dia seguinte.
Ativação afetiva	Nível de ativação pulsional do falante requerido por uma ilocução para que ela seja realizada. A ilocução de Ordem exige um nível de ativação afetiva muito alto (o falante deve sentir uma pulsão forte de agir sobre seu interlocutor). Ilocuções fortemente convencionalizadas (Agradecimento) exigem uma pulsão ainda menor.
Condição preparatória	Parâmetro de base searliana segundo o qual as ilocuções possuem condições cognitivas ou pragmáticas prévias. Na nossa interpretação, um Convite tem a condição preparatória de possuir uma evidência contextual da ação, enquanto uma Exortação pressupõe que o interlocutor não tenha realizado uma ação esperada. As condições preparatórias constituem um conjunto de parâmetros que têm o objetivo de facilitar a eliciação de uma ilocução.
Linha de ação	Nível continuidade ou descontinuidade comportamental exigido pelo falante ao interlocutor por meio da realização da ilocução. A linha de ação é uma condição preferencial para a realização de uma ilocução. Em uma Ordem, é requerido alto grau de descontinuidade da linha de ação. Do ponto de vista do falante, é provável que o interlocutor não realize a ação (ou não realize-a a tempo) a menos que seja feita a Ordem. Em um Convite, a descontinuidade é menor, porque há uma evidência contextual para a realização da ação.

<sup>14</sup> Como mostra FIRENZUOLI (2003), há formas prosódicas diferentes para as ilocuções de Chamamento Distal com Objeto Visível e de Chamamento Distal sem Objeto Visível. No plano pragmático, elas se diferenciam justamente em função do falante ver ou não o interlocutor, o qual constitui o objeto da ilocução.

Ainda com relação aos parâmetros, deve ser dito que os mesmos podem ter três funções diferentes **dependendo da ilocução à qual eles se associam**. Uma delas é a de diferenciar as ilocuições, em sentido mais estrito. Esses são os *parâmetros necessários* de uma ilocução, sem os quais a ilocução não é reconhecida. A realização de uma ilocução em um contexto que não apresenta um de seus parâmetros necessários pode fazer com que não seja compreendida ou que seja interpretada como outra ilocução<sup>15</sup>. A segunda função está relacionada à adequação de uma ilocução ao contexto em que se insere. Se uma ilocução é realizada em um contexto que não possui esse tipo de parâmetro, ela pode ser percebida como inadequada pelo interlocutor, ainda que seja reconhecida<sup>16</sup>. Por esse motivo, os chamaremos de *parâmetros de adequação*. A terceira função é a de facilitar a eliciação de uma ilocução. A eliciação de certas ilocuições é facilitada pela presença de certos parâmetros, ainda que as ilocuições possam ocorrer e serem interpretadas corretamente em ausência desses parâmetros. São esses os *parâmetros de eliciação*, cuja identificação é de suma importância para metodologia de descrição das ilocuições, como se verá adiante.

Como dissemos anteriormente, um mesmo parâmetro pode desempenhar funções diferentes em ilocuições diferentes. Todavia, como pode ser observado na lista, há dois deles que são sempre parâmetros de eliciação: a condição preparatória e a linha de ação. A ativação afetiva, por sua vez, é sempre um parâmetro necessário e, diferentemente dos demais, é um parâmetro relativo: algumas ilocuições requerem um envolvimento pulsional maior que outras.

A lista dos parâmetros pragmático-contextuais ainda está em elaboração e carece de refinamentos. Ainda não sabemos, por exemplo, se todas as ilocuições apresentam tanto parâmetros necessários quanto parâmetros de adequação, mas é certo que todas elas possuem

---

<sup>15</sup> Tomemos como exemplo as ilocuições de Repreensão e de Chamamento Distal com Objeto Visível. Ao que parece, essas ilocuições possuem a mesma forma entonacional, mas se diferenciam com base em três parâmetros pragmáticos: o canal de comunicação, o horizonte atencional e o foco atencional. A ilocução de Repreensão exige o canal aberto e o compartilhamento do horizonte e do foco atencionais. O Chamamento Distal com Objeto Visível exige o canal esteja fechado e que o horizonte e foco não estejam compartilhados. Alternando esses parâmetros, muda-se de ilocução. Se isso for comprovado experimentalmente, o que diferencia as ilocuições de Chamamento Distal com Objeto Visível e de Repreensão é o fato de que: (a) a primeira é realizada com a presença do interlocutor enquanto o interlocutor olha para o falante e (b) a segunda é realizada quando o interlocutor não se encontra perto e não está olhando para o falante. Logo, tanto para a ilocução de Repreensão quanto para a ilocução de Chamamento Distal com Objeto Visível, os parâmetros *canal de comunicação, horizonte atencional e foco atencional* são necessários, e as ilocuições não são reconhecidas sem eles.

<sup>16</sup> O parâmetro “relação entre falante e interlocutor” é um parâmetro de adequação para a ilocução de Ordem. Se a ilocução for realizada em um contexto em que o falante não exerça um controle contextual sobre o interlocutor, a ilocução é percebida como inadequada ou até mesmo como “ofensiva”. É daí que temos a falsa noção de que a ilocução de Ordem é por natureza “autoritária”.

parâmetros de pelo menos um desses tipos. Essa situação somente será esclarecida à medida que forem realizados mais experimentos.

### 3.1.1 As classes ilocucionárias

Adotamos aqui a proposta, ainda em desenvolvimento, de Cresti, também composta por 5 classes ilocucionárias. Porém, diferentemente de Searle, que faz uma classificação com base em critérios lógicos, Cresti define as classes em função do tipo de ativação pulsional requerido pela ilocução (ou seja, com base na sua visão própria de perlocução). As macro-classes identificadas pela autora são apresentados no Quadro 3:

Quadro 3 – Macro-classes ilocucionárias (CRESTI, 2000)

Classe	Definição
Recusa	Ilocuções que manifestam relação de liberdade e independência com relação ao interlocutor
Representativos	Ilocuções que manifestam relação de certeza do falante em face do interlocutor (certeza que dá ao falante a possibilidade de propor julgamentos, descobertas, avaliações, etc. na expectativa que o interlocutor se relacione com isso)
Diretivos	Ilocuções que manifestam tomada em consideração das capacidades, possibilidades, disponibilidades do interlocutor na expectativa que ele transforme o mundo através de ações, informações, ou que o interlocutor transforme a si mesmo com relação ao horizonte atencional, conhecimentos, habilidades, ponto de vista
Expressivos	Ilocuções que manifestam a realização de sensibilidades centradas em próprias situações internas; a manifestação de estados internos na expectativa que o interlocutor os considere com adesão
Rituais	Ilocuções que manifestam, com base em papéis mais ou menos codificados, a realização de tarefas linguísticas que podem ser efetivadas com uma participação afetivo-pulsional mínima

A adoção de um critério empírico por Cresti e de um critério lógico por Searle produz algumas diferenças basilares em suas classificações: (a) as ilocuções identificadas por esses autores **constituem objetos diferentes**, ainda que possuam os mesmos nomes; (b) ilocuções com o mesmo nome podem aparecer em classes diferentes em Cresti e Searle; (c) as ilocuções identificadas por Cresti e Searle são, em boa medida, diferentes. A esse respeito, Moneglia (2011) observa que há performativos aos quais não correspondem ilocuções observáveis na natureza, enquanto ilocuções frequentes e facilmente definíveis com base em parâmetros prosódicos (Chamamento, Dêixis, etc.) não possuem performativos. Considerando essas diferenças, sempre que estivermos nos referindo a uma ilocução na visão empírica, usaremos a inicial em caractere maiúsculo, para diferenciá-la de outros tipos de definição.

Por fim, ressaltamos que, frequentemente, uma ilocução é interpretada pragmaticamente como outra (MELLO e RASO, 2011). É possível, por exemplo, que uma Asserção seja interpretada como uma ilocução de Pedido em contextos especiais: imaginemos uma situação em que um anfitrião diz a seu convidado “eu estou muito cansado” com a prosódia característica de uma Asserção. Em certos contextos, o convidado pode interpretar essa Asserção como um pedido para que ele vá embora. Todavia, é necessário distinguir as informações pragmáticas **marcadas linguisticamente** através do enunciado (nesse caso, por meio da prosódia) das informações pragmáticas produzidas **de maneira inferencial** pelo interlocutor em um determinado contexto (igualmente relevantes para a comunicação, mas pertencentes ao nível de análise). Nesse caso, a ilocução veiculada pelo enunciado é uma informação marcada prosodicamente. A interpretação de que essa ilocução deva ser entendida como uma ilocução de Pedido, por outro lado, é fruto de um processo inferencial criado pelo ouvinte<sup>17</sup>.

### 3.2. Atitude

O termo ‘atitude’ vem sendo utilizado na literatura linguística para se referir a categorias muito distintas. Definimos atitude como um nível sócio-interacional convencionalizado em que o falante mostra o seu estado de espírito (*mood*) enquanto realiza uma ilocução (MELLO; RASO, 2011). Enquanto a modalidade é, nos termos de Bally (1950), o *Modus* do *Dictum*, a atitude é o *Modus* do *Actum*, ou a maneira com que uma ilocução é realizada. Arrogância, gentileza, sedução, hostilidade, autoritarismo são exemplos de atitude.

---

<sup>17</sup> Na análise de Searle, a asserção “eu estou muito cansado” interpretada como um pedido seria um ato fala indireto não convencionalizado, explicado por meio de implicaturas (GRICE, 1975). Searle entende que, em casos como esse, temos duas forças ilocucionárias concomitantes: a força ilocucionária primária seria a de um pedido, e a força secundária seria a de uma asserção. A posição defendida por Searle diverge da nossa, pois consideramos que um ato de fala possui uma e somente uma força ilocucionária (a qual é sempre veiculada de maneira linguística), ainda que um processo inferencial do interlocutor possibilite, em um contexto específico, uma interpretação comunicativa diferente da original.

Para Searle, existem ainda os atos de fala indiretos convencionalizados. Um exemplo é o ato de pedido construído como uma pergunta, como em “Você pode me passar o sal?”. Casos como esse são chamados de convencionalizados justamente porque se reconhece que a estrutura sintática de uma pergunta é convencionalmente utilizada para se fazer pedidos. Aqui também o ato de fala teria duas forças ilocucionárias, sendo o pedido a força principal e a pergunta, a secundária. A força principal seria sempre reconhecida por meio de implicaturas. Ainda assim, Searle afirma que “a entonação dessas sentenças, quando emitidas como pedidos indiretos, frequentemente difere de sua entonação quando emitidas apenas com sua força ilocucionária literal, e frequentemente o padrão de entonação será aquele característico das diretivas literais” (SEARLE, 1995 [1979], p.69). Na nossa visão, que não poderá ser demonstrada por economia de espaço, nesse tipo de situação não há necessidade de se recorrer à noção de atos de fala indiretos. Isso porque, a ilocução é sempre determinada pela prosódia, independente da estrutura sintática utilizada.

Uma forma de determinar se certos elementos pertencem à mesma categoria é verificar se eles podem ser realizados ao mesmo tempo. Se dois elementos podem ocorrer de forma concomitante, pertencem a categorias diferentes. Se nunca são concomitantes, pertencem à mesma categoria. Cresti (2001) usa esse teste, chamado de *teste de comutação*, para mostrar que ilocução e modalidade são fenômenos distintos. Mello e Raso (2011) usam o mesmo teste para mostrar que ilocução e atitude também são categorias diferentes: podemos realizar uma ilocução de Ordem com atitude Arrogante ou com atitude Gentil. Podemos realizar uma ilocução de Pergunta Polar com atitude Sedutora ou Impaciente. Podemos fazer uma Asserção com atitude Tímida ou com atitude Autoritária. Ou seja, podemos ter diferentes combinações entre atitudes e ilocuções. Por outro lado, não podemos combinar duas atitudes ou duas ilocuções: não é possível produzir uma ilocução que seja, contemporaneamente, uma Asserção e uma Pergunta Polar. Não podemos ter uma ilocução com atitude Arrogante e Gentil.

Não há uma lista fechada das atitudes presentes em uma língua e, a nosso ver, a descrição das atitudes é também um trabalho que deve ser feito de maneira empírica. Os conhecimentos que possuímos a respeito dessa categoria devem ainda ser aprofundados e servem para compreender melhor o que é uma ilocução e como ela é realizada.

A expressão da atitude se dá por meio da prosódia, mas existem algumas diferenças em como a prosódia veicula atitude e ilocução em um enunciado. A ilocução, como foi dito, é atribuída por meio de variações prosódicas exclusivamente no núcleo da unidade informacional de Comentário. Por outro lado, os experimentos por nós realizados têm mostrado que a atribuição da atitude pode ocorrer: (a) ao longo de toda a unidade de Comentário ou (b) em uma posição específica da unidade de Comentário.

Mello e Raso (2011) analisam as atitudes Indiferente, Engajada e Irritada em enunciados produzidos em laboratório que veiculam a ilocução de Pergunta Polar e contém o mesmo conteúdo locucionário (“Vem pro Brasil”) e notam que as diferenças prosódicas produzidas pelas atitudes se estendem por toda a unidade tonal. A atitude de Cortesia, por outro lado, parece se concentrar em uma posição específica do Comentário: a sua parte final. Em casos em que a unidade de Comentário possui *coda*, a atitude recai sobre a *coda*. Quando a ilocução não possui *coda* e o núcleo posiciona-se ao final da unidade, a atitude recai sobre o núcleo. Na seção 4.4.4, serão mostrados experimentos que subsidiam essa hipótese.



#### 4. As características de um corpus adequado ao estudo das ilocuções

Para identificar e descrever as ilocuções presentes em uma língua é necessário pesquisar a fala espontânea. Por fala espontânea, entende-se a fala que é planejada enquanto é executada (NENCIONI, 1983) e possui as seguintes características: i. interação multimodal face a face; ii. referência dêitica intersubjetiva; iii. programação mental contemporânea à execução; iv. comportamento linguístico imprevisível. A abordagem experimental em laboratório é de suma importância, mas deve servir de suporte a uma metodologia empírica a partir de dados naturais: é somente um corpus linguístico que pode nos dizer quais são as ilocuções de fato presentes em uma língua e como elas são efetivamente realizadas. No entanto, não basta que utilizemos um corpus. Devemos também nos certificar que o mesmo cumpra alguns pré-requisitos: contenha uma ampla variação diafásica, seja segmentado com base prosódica e possua alinhamento texto-som.

O número de ilocuções presentes em um corpus é uma função da variabilidade de situações comunicativas contidas no mesmo. Um corpus formado somente por interações em um único contexto, como entrevistas, tende a conter uma variação ilocucionária significativamente menor que um corpus formado por interações em diversos contextos. Estudos conduzidos no corpus LABLITA (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003), com ampla variação diafásica, identificaram mais de 80 ilocuções presentes na fala espontânea do italiano – um número muito superior ao de outros estudos feitos em corpora sem variação diafásica<sup>18</sup>.

A necessidade da segmentação prosódica de um corpus liga-se, em primeiro lugar, ao fato que a fala organiza-se em unidades prosódicas<sup>19</sup>, não em unidades sintáticas. Esse é um argumento que diz respeito a qualquer corpus de fala espontânea e aos estudos neles realizados. Por esse motivo, importantes corpora têm sido compilados com segmentação prosódica, como o Santa Barbara Corpus of Spoken English<sup>20</sup>, o Rhapsodie<sup>21</sup>, o C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) e o C-ORAL-BRASIL<sup>22</sup> (RASO; MELLO, 2012). Para o estudo das ilocuções, em especial, a segmentação prosódica torna-se ainda mais relevante, pois o

---

<sup>18</sup> Essa característica deriva do fato de que as pessoas se comportam de forma diferente em situações comunicativas diferentes. Em uma entrevista de emprego, por exemplo, é de se esperar que sejam realizadas predominantemente ilocuções como Pergunta Polar, Resposta e Asserção. Em uma partida de futebol, por outro lado, são mais comuns as ilocuções de Ordem, Reclamação, Chamamento, Dêixis, etc.

<sup>19</sup> Para um aprofundamento dessa questão, cf. MONEGLIA (2011); CRESTI e GRAMIGNI (2004).

<sup>20</sup> <<http://www.linguistics.ucsb.edu/research/sbcorpus.html>>.

<sup>21</sup> <<http://rhapsodie.risc.cnrs.fr/en/>>.

<sup>22</sup> <<http://www.c-oral-brasil.org/>>.

enunciado, que possui uma delimitação prosódica, é também o local em que se veicula uma ilocução. Sem uma segmentação prosódica, não é possível identificar a parte do enunciado em que se realiza a ilocução, a saber, a unidade informacional de Comentário.

O alinhamento texto-som é um processo que possibilita ao pesquisador o acesso simultâneo a uma gravação e à sua respectiva transcrição por meio de um programa computacional desenvolvido para tal fim. Os programas dotados dessa capacidade permitem ao usuário escolher, a partir da transcrição de um texto, o enunciado que quer ouvir simplesmente clicando sobre o mesmo. É um processo de suma importância para a correta exploração de um corpus de textos orais. Vistas as dificuldades de se encontrar, manualmente, um enunciado específico dentro de uma gravação, corpora que não contam com o alinhamento são frequentemente analisados com base exclusivamente em suas transcrições. Como consequência, os estudos feitos em corpora não alinhados tendem a desconsiderar as diferenças intrínsecas entre linguagem oral e linguagem escrita, sobretudo se se tem em vista que muitas das informações centrais da fala são veiculadas pela prosódia, a qual é insuficientemente representada mesmo em transcrições que pretendem incluir informações prosódicas<sup>23</sup> (RASO, 2012b).

Tendo em vista essas considerações, acreditamos que a escolha do corpus com base nos critérios supracitados seja um passo fundamental para a realização de uma pesquisa sobre as ilocuições. Os corpora do consórcio C-ORAL-ROM, coordenado pelo LABLITA, Laboratório de Linguística da Universidade de Florença (Itália), bem como o C-ORAL-BRASIL, atendem a esses pré-requisitos. A segmentação dos enunciados é feita com base em critérios prosódicos. Os enunciados são separados por quebras terminais e as suas unidades internas são identificadas com base em quebras não-terminais. Cada gravação do C-ORAL-BRASIL e do C-ORAL-ROM conta com a transcrição e um arquivo de alinhamento do programa WinPitch (MARTIN, 2004), o qual permite o acesso contemporâneo ao dado acústico, à sua transcrição, ao espectrograma e a outros parâmetros acústicos e prosódicos.

---

<sup>23</sup> HALLIDAY (1985) afirma que uma transcrição que fosse rica do ponto de vista prosódico conteria uma quantidade excessivamente grande de marcações, obstaculizando a fluidez da leitura do texto. A nossa posição é mais radical: considerando que cada momento de áudio possui medidas específicas de parâmetros acústicos variados e que muitas das informações prosódicas não dependem diretamente das informações acústicas, mas sim da percepção, acreditamos que seja impossível realizar uma transcrição que dê conta de representar as informações veiculadas pela prosódia.

Nesse trabalho, serão analisados dados do C-ORAL-BRASIL, de Português Brasileiro e diatopia da região metropolitana de Belo Horizonte, e o C-ORAL-ROM Italiano, de diatopia florentina.

## 5. A identificação das ilocuções

Com o objetivo de se identificar as ilocuções presentes em uma língua, é necessário recorrer a dados de fala espontânea. Somente um trabalho empírico, baseado em *corpus*, garante que as ilocuções identificadas em uma língua são aquelas efetivamente usadas pelos falantes – e não aquilo que o pesquisador acredita que seja usado ou que seria logicamente possível.

A metodologia que estamos desenvolvendo consiste de quatro etapas: i. identificação das ilocuções no *corpus*; ii. primeira descrição prosódica e pragmático-cognitiva das ilocuções; iii. realização de experimentos em contexto controlado para refinar as descrições anteriores; iv. descrição definitiva das ilocuções. Esse trabalho se concentrará nos três primeiros procedimentos (em especial, nos primeiros dois), os quais serão explicados a partir de exemplos reais nas subseções que se seguem.

A descrição definitiva da forma entonacional das ilocuções é fruto dos três procedimentos anteriores. Nela, as configurações de movimentos de *pitch* que compõem cada forma entonacional devem ser caracterizadas segundo a notação proposta pela teoria perceptual do IPO (‘t HART, 1990).

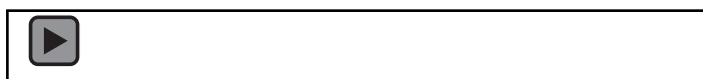
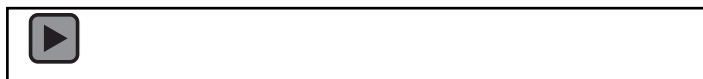
### 5.1. Observação *in natura* e agrupamento de ilocuções

Nessa fase, o pesquisador deve ouvir várias gravações e identificar enunciados que aparentam veicular a mesma ilocução, ou seja, enunciados em que o falante realiza o mesmo tipo de ação sobre seu interlocutor. Para cada grupo de enunciados, deve ser escolhido um rótulo que represente bem a ilocução realizada. Nesse ponto, é fundamental não se deixar levar pelos rótulos existentes nas línguas para classificar ilocuções, mas exclusivamente pela percepção. Já aqui é necessário escolher um grupo de ilocuções sobre o qual trabalhar, uma vez que a quantidade de ilocuções presentes na fala é muito grande.

Observemos os exemplos (9), (10) e (11).

Exemplo (9) - bfamdl01 (áudios Ex.9-c, Ex.9 e Ex.9-n)

Situação: duas amigas estão em um supermercado decidindo qual pacote de papel higiênico devem comprar. REN pega um pacote e mostra a FLA, dizendo que o preço está bom e que o papel higiênico é de boa qualidade. FLA retruca, afirmando que o que haviam olhado anteriormente é melhor.

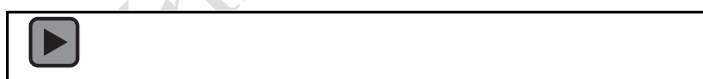


\*REN: [339] é sessenta metros // [340] mas ele é bom //

\*FLA: [341] acho que o de lá é melhor //

Exemplo (10) - bfamdl08 (áudio Ex.10-c, Ex.10 e Ex.10-n)

Situação: AND ensina BRU como ir de carro de Belo Horizonte até Sete Lagoas. Há dois caminhos possíveis: pelo Anel Rodoviário ou pela chamada "estrada velha". O caminho do Anel Rodoviário é mais rápido, porém mais difícil. No momento da gravação, AND e BRU estão dentro do carro e AND está ensinando o caminho do Anel Rodoviário para que BRU vá a Sete Lagoas. Todavia, ele acredita que seja melhor que BRU volte a Belo Horizonte pela estrada velha, então pronuncia o enunciado [258].



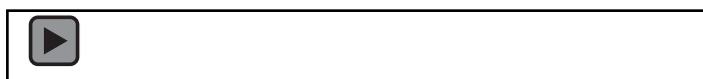
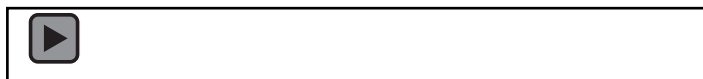
\*AND: [254] aqui cê vai pegar à direita // [255] aí já tá &sa [/4] aí cê já vai tar numa [/1] no Anel //

\*BRU: [256] ahn // [257] e pra voltar //

\*AND: [258] hhh pra voltar / eu acho cê devia voltar pela estrada velha //

Exemplo (11) - bfamcv33 (áudios Ex.11-c, Ex.11 e Ex.11-n)

Situação: um grupo de amigos se prepara para gravar um vídeo em que fotografias do ex-namorado de HEL seriam queimadas. Antes do início da gravação, a participante HEL percebe que a garrafa de vinho não se encontra próxima às fotografias, então realiza o enunciado [170].



\*MAR: [169] é / pode começar já / então //

\*HEL: [170] aqui / **a garrafa de vinho tem que tar próxima** //

\*DAN: [171] já tá <filmando / né> //

\*HEL: [172] <ela é> +

\*BAO: [173] já / já tá //

\*MAR: [174] ela é <cenográfica> //

\*DAN: [175] <ah é / põe ela aí do lado> //

Em (9), ouvindo o enunciado [341], fica claro que, ao pronunciá-lo, o objetivo de FLA não é somente o de fazer um juízo sobre o papel higiênico: FLA está dando a entender que, caso elas comprem o papel sugerido por REN, correm algum tipo de risco, uma vez que é pior que o outro. A esse tipo de ação, que busca advertir o interlocutor de certos problemas, o pesquisador poderia dar o nome de Advertência.

No segundo exemplo, ao se ouvir o enunciado [258], percebe-se que sua função pragmática não é a de simplesmente veicular uma opinião de AND (a de que BRU deva voltar pela estrada velha), mas sim a de dizer que, caso ela não volte pela estrada velha, pode haver alguma consequência negativa. Assim, essa ilocução pode ser considerada outro exemplo de Advertência.

No exemplo (11), compreende-se que a função do enunciado de HEL não é a de emitir um julgamento a respeito da posição da garrafa de vinho, mas sim a de mudar a opinião dos demais com relação à posição em que a garrafa deve estar.

Esses três enunciados, que foram em um primeiro momento analisados individualmente, parecem veicular uma mesma ilocução, que chamamos de Advertência. Neles, os falantes não estão simplesmente fazendo uma afirmação a respeito de um assunto, mas sim realizando uma Advertência para que os interlocutores modifiquem a sua opinião com relação a algo (o que

pode ser compreendido somente pela oitiva dos enunciados). Notemos, ainda, que o nome da ilocução foi escolhido buscando-se uma palavra que represente, de maneira aproximada, a ação que é efetivamente realizada pelos falantes. Do mesmo modo escolhemos a palavra ‘advertência’ para representar esse conjunto de ilocuções, poderíamos ter escolhido ‘aviso’ ou outra expressão. Ressaltamos mais uma vez que o trabalho de descrição do repertório das ilocuções de uma língua deve ter como ponto de partida as próprias ilocuções, encontradas em contexto natural, para depois se chegar a um rótulo. Não se pode pressupor a existência de uma ilocução de ‘advertência’ simplesmente porque a língua possui esse termo. Também não é possível defini-la sem se observar como ela é realizada em contextos reais.

## 5.2. Análise prosódica do núcleo da ilocução

Após identificação inicial das ilocuções presentes no corpus, o pesquisador deve examinar o núcleo das unidades que realizam a ilocução. Esse procedimento tem como objetivo verificar as características prosódicas que, em conjunto, possibilitam a veiculação das ilocuções. A descrição prosódica do núcleo é feita com base nos parâmetros expostos na seção 2.1. Por ser uma fase exploratória, convém examinar exemplos mais prototípicos e com atitudes menos pronunciadas. Para ilustrar esse processo, faremos a descrição das ilocuções de Advertência, Exortação, Oferta, Instrução e Ordem encontradas no C-ORAL-BRASIL.

### 5.2.1. Descrição prosódica da ilocução de Advertência

Consideremos as Figuras 7, 8 e 9, que exibem as curvas de  $F_0$  em função do tempo nos exemplos (9), (10) e (11). Nas imagens, podemos observar uma configuração ascendente-descendente que coincide com o núcleo funcional das unidades. De fato, ouvindo somente a porção de áudio correspondente aos núcleos (arquivos com a extensão *-n*), tem-se a percepção de que a mesma ilocução é cumprida, apesar de que a supressão de parte do conteúdo locucionário do enunciado é sem dúvida prejudicial à sua interpretação semântica. O núcleo aparece, nas Figuras 7, 8 e 9, destacado entre as linhas pontilhadas.

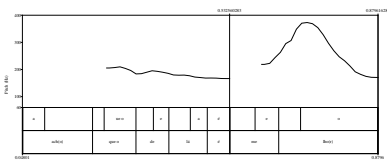


Fig.7 – Ex. (9)  
\*FLA: acho que o de lá é  
melhor //

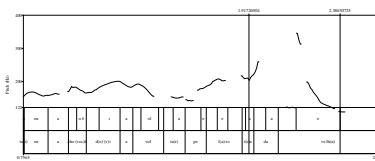


Fig.8 – Ex. (10)  
\*AND: eu acho çê devia  
voltar pela estrada velha //

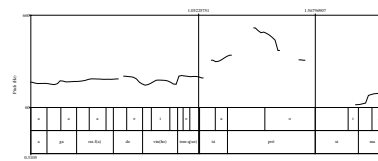


Fig.9 – Ex. (11)  
\*HEL: a garrafa de vinho tem  
que tar próxima //

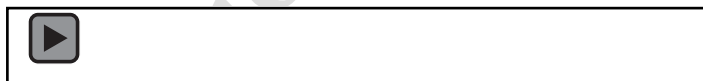
Comparando os exemplos provisoriamente classificados como Advertência, algumas semelhanças chamam a atenção: i. a configuração ascendente-descendente de  $F_0$ , sendo que a porção descendente inicia na última tônica da unidade e a porção ascendente é realizada na última sílaba anterior à mesma - seja ela pré-tônica, como no exemplo (9), seja pós-tônica, como em (10), seja tônica, como no exemplo (11); ii. o alongamento da tônica final<sup>24</sup>. Essas características, tomadas em conjunto, constituem a primeira descrição da forma entonacional da ilocução de Advertência. A descrição também deve considerar que essa ilocução admite a possibilidade de uma *preparação* tonal antes do núcleo da unidade, observável nos exemplos.

### 5.2.2. Descrição da ilocução de Exortação

Para compreender essa ilocução, comecemos observando os exemplos.

Exemplo (12) – bpubdl07 (áudios Ex.12 e Ex.12-n)

Situação: um garçom está oferecendo pizza a convidados de uma festa. Uma senhora observa as outras pessoas escolhendo os sabores e não se pronuncia. Para desbloquear a situação e instigar a interlocutora a realizar uma ação que já deveria ter realizado espontaneamente, o garçom realiza a ilocução do enunciado [732].



\*JAD: [732] a senhora //

Exemplo (13) – bfamcv33 (áudios Ex.13 e Ex.13-n)

Situação: um grupo de amigos está esperando que BAO posicione alguns objetos para que se inicie uma filmagem. Após ter terminado os preparativos, BAO se dá conta que todos ainda o aguardam. Assim, realiza o enunciado [1] para que comecem a atividade.



<sup>24</sup> Para se constatar de maneira definitiva a presença de alongamento em um segmento com relação a outros, é necessário normalizar a duração das sílabas. A medida bruta da duração das sílabas de uma unidade tonal deve ser entendida como um indício da presença ou ausência de alongamento. Até o presente momento, não submetemos nenhum dado à normalização silábica e, por esse motivo, não possuímos resultados conclusivos a respeito da presença/ausência de alongamento silábico nas formas prosódicas estudadas. Posteriormente, utilizaremos o *SGdetector* (BARBOSA, 2013), um *script* desenvolvido para o *Praat*, para fazer uma análise mais apurada da duração silábica. Contudo, tanto as medidas brutas quanto a percepção não nos deixam dúvidas quanto à presença do alongamento nas ilocuições de Advertência, Exortação e Oferta. Apesar de menos evidente, também não temos dúvidas de que a Instrução possui alongamento.



\*BAO: [1] vamo lá //

Exemplo (14) – bpubd105 (áudios Ex.14-c, Ex.14 e Ex.14-n)

No próximo exemplo, pai e filho estão conversando com um apicultor, que lhes mostra uma abelha sem ferrão. O pai pega a abelha e oferece ao filho a possibilidade de pegá-la também. O filho tem medo da abelha e não a pega. Para desbloquear a situação, o pai realiza uma ilocução de Exortação com atitude tranquilizadora.



\*CAR: [48] pega nela //

\*GUI: [49] <ah / nũ quero> //

\*CAR: [50] po' pegar //

Do ponto de vista pragmático, a ilocução de Exortação é uma ação realizada por um falante quando o mesmo percebe que a situação comunicativa encontra-se bloqueada. A Exortação é um modo de incitar o interlocutor a desempenhar uma ação verbal ou não verbal que já deveria ter realizado anteriormente. Essa característica pode ser observada nos três exemplos apresentados. O núcleo da Exortação, localizado entre as linhas pontilhadas, é dotado de uma configuração ascendente de  $F_0$  que se inicia na última tônica do Comentário. Caso seja uma paroxítone, a configuração continua pela pós-tônica – exemplo (12). A tônica parece ser alongada com relação às sílabas anteriores e o núcleo pode ser precedido por uma preparação.

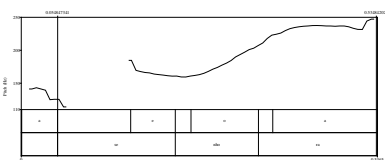


Fig.10 – Ex. (12)  
\*JAD: a senhora //

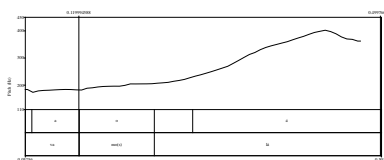


Fig.11 – Ex. (13)  
\*BAO: vamo lá //

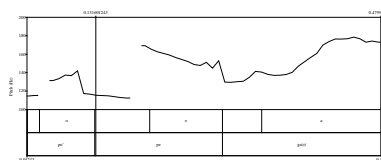


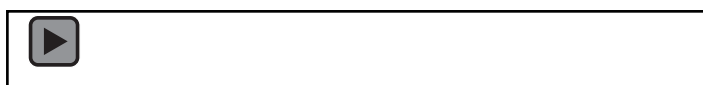
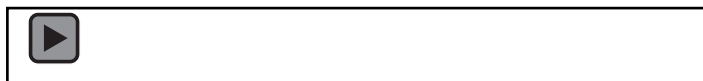
Fig.12 – Ex. (14)  
\*CAR: po' pegar //



### 5.2.3. Descrição da ilocução de Oferta

Exemplo (15) – bfamcv14 (áudios Ex.15-c, Ex.15 e Ex.15-n)

Situação: JSA pede uma caneta a JCS. Ela dispõe somente de um lápis e, assim, realiza o enunciado [102]. Com ele, a intenção de JCS é a de oferecer uma possibilidade ao amigo, esperando que o mesmo se posicione com relação a ela.



\*AJC: [99] eu quero uma caneta //

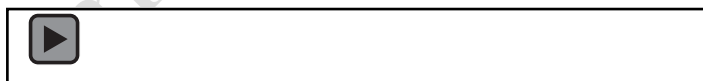
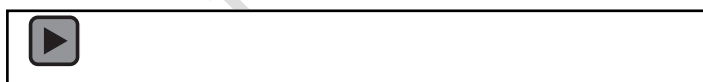
\*AJC: [100] <pra eu anotar as coisas que eu> preciso //

\*JSA: [101] <agora / eu coloquei Caetano / né> //

\*LCS: [102] **pode ser lápis //**

Exemplo (16) – bfamcv33 (áudios Ex.16 e Ex.16-n)

Situação: amigos estão conversando em casa. DAN, uma das anfitriãs, percebe que HEL está assentada no chão e lhe oferece a possibilidade de assentar-se em uma almofada.

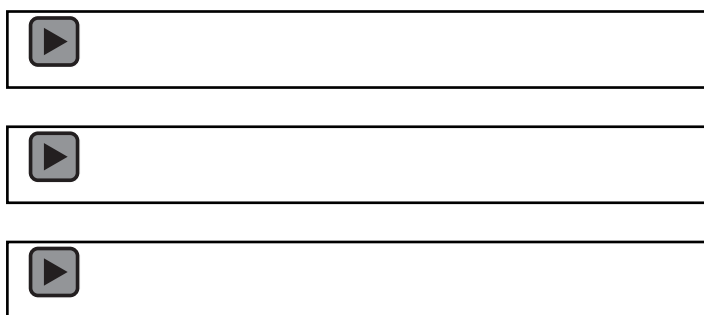


\*DAN: [26] **cê quer uma almofada //**

Exemplo (17) – bfamcv11 (áudios Ex.17-c, Ex.17 e Ex.17-n)

Situação: CAR está jantando com a sua família e percebe que seu pai ainda não colocou peito de frango em seu prato. Realiza, então, uma ilocução de Oferta esperando que seu pai se posicione perante essa possibilidade<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Aproveitamos para fazer menção a um fato que, por motivos de espaço, não poderá ser melhor explorado: frequentemente, ilocuições de um tipo se encontram próximas a ilocuições de outro tipo. É comum, por exemplo, que se tenham Ofertas seguidas de Exortações. Isso pode ser observado no exemplo (17), cujo enunciado [115] trata-se de uma Exortação proferida em função do pai de CAR não ter respondido à ilocução de Oferta. O mesmo se dá no exemplo (14): a Exortação de [50] se dá após o filho de CAR não ter respondido ao enunciado [48], que também expressa uma ilocução de Oferta.



\*CAR: [114] **cê quer peito / pai //**

\*CAR: [115] **quer peito //**

A ilocução de Oferta consiste em oferecer uma possibilidade para o interlocutor, esperando que este se posicione com relação à possibilidade oferecida<sup>26</sup>. Como mostram as Figuras 13, 14 e 15, o núcleo caracteriza-se por uma configuração nivelado-descendente na última sílaba tônica da unidade, a qual parece ser alongada. O núcleo, que aparece entre as linhas pontilhadas, pode ser precedido por uma preparação – exemplos (15) e (17) – e sucedido por uma *coda* – exemplo (16)<sup>27</sup>.

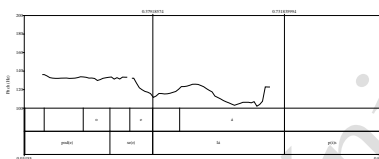


Fig.13 – Ex. (15)  
\*LCS: **pode ser lápis //**



Fig.14 – Ex. (16)  
\*DAN: **cê quer uma almofada //**

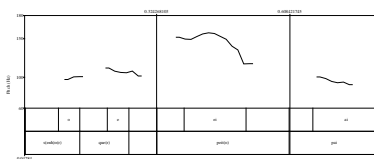


Fig. 15 – Ex.(17)  
\*CAR: **cê quer peito / pai //**

#### 5.2.4. Descrição da ilocução de Instrução

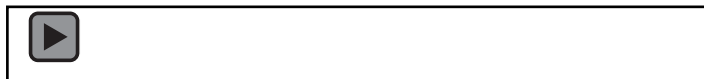
A Instrução é uma ilocução em que o falante instrui o seu interlocutor a proceder com relação a algo. Para realizar essa ilocução, é necessário que: i. o falante possua conhecimentos sobre como realizar a tarefa sobre a qual quer instruir o interlocutor e que ii. o conteúdo locucionário do enunciado contenha ao menos uma expressão linguística que indique ao interlocutor como realizar o procedimento.

<sup>26</sup> Não podemos deixar de notar que a definição de Oferta oferecida por nós é tautológica, o que ocorre também na ilocução de Instrução, a seguir. No entanto, uma formalização adequada da definição de uma ilocução só pode ser fruto de um trabalho anterior de caracterização da ilocução, o qual estamos ainda enfrentando.

<sup>27</sup> Apesar das palavras “peito” e “lápis”, em que se realizam os núcleos das Ofertas de (15) e (17) serem proparoxítonas, consideramos que as unidades que a realizam não possuem *coda*, pois a vogal postônica não é pronunciada.

Exemplo (18) – bpubd104 (áudio Ex.18)

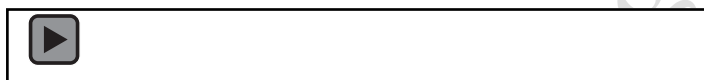
Situação: um instrutor de auto-escola está dizendo à sua aluna o que ela deve fazer para estacionar corretamente seu carro, enquanto a aluna dirigia. Nesse contexto, o professor realiza algumas ilocuções de Instrução.



**\*MUR: [60] deixa o carro descer //**

Exemplo (19) – bpubd03 (áudios Ex.19 e Ex.19-n)

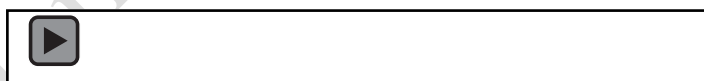
Situação: GUI, que é *personal trainer*, ensina um cliente a fazer um determinado exercício. Para isso, é necessário que o cliente afaste as suas pernas e, então, GUI realiza uma ilocução de Instrução voltada ao cliente.



**\*GUI: [92] abre um pouquinho a base lá //**

Exemplo (20) – bpubd101 (áudios Ex.20 e Ex.20-n)

Situação: um engenheiro e um pedreiro estão construindo um pequeno muro. Em um determinado momento, o engenheiro percebe que o pedreiro coloca uma pedra de forma inadequada e, assim, realiza uma ilocução de Instrução para que a pedra seja reposicionada.



**\*PAU: [88] experimenta pôr essa pedra com esse bico virado para cá //**

A ilocução de Instrução possui um núcleo formado por uma configuração ascendente-descendente de  $F_0$  seguida por uma configuração descendente de  $F_0$ . A configuração ascendente-descendente se inicia em uma das primeiras sílabas do Comentário e pode ser realizada em mais de uma sílaba. A configuração descendente posterior é sempre realizada ao longo das demais sílabas da unidade. O fato da configuração ascendente-descendente ser

seguida por uma configuração descendente na ilocução de Instrução causa a percepção de que se tem uma descida gradual da  $F_0$  ao longo da unidade, se comparada à ilocução de Ordem. A última tônica do núcleo da ilocução parece ser alongada. A Instrução pode conter uma porção de preparação, ligação ou coda. Em (19), a unidade termina por uma *coda* tonal, na palavra “la”. Em (20), tem-se uma ligação entre as linhas pontilhadas e uma preparação que corresponde à porção descendente localizada nas pré-tônicas da palavra “experimental”.

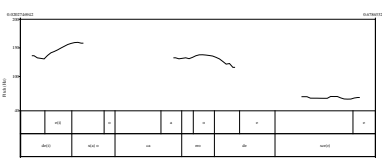


Fig.16 – Ex. (18)

\*MUR: deixa o carro descer //

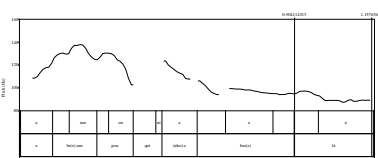


Fig.17 – Ex. (19)

\*GUI: abre um pouquinho a base lá //

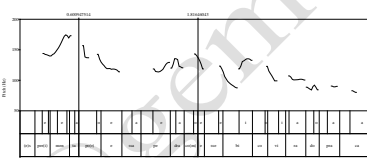


Fig.18 – Ex. (20)

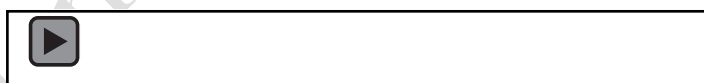
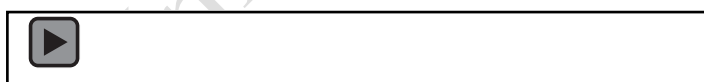
\*PAU: experimenta pôr essa pedra com esse bico virado para cá //

### 5.2.5. Descrição da ilocução de Ordem

A ilocução de Ordem constitui um tipo de pedido para que o interlocutor realize uma ação verbal ou não verbal. Essa ilocução é caracterizada pelo controle contextual do falante sobre seu interlocutor (cf. Quadro 1), o qual permite que o falante exija uma ação do mesmo.

Exemplo (21) – bfamcv05 (áudios Ex.21 e Ex.21-n)

Situação: quatro amigos estão jogando futebol. Ao perceber que um dos adversários se aproxima com a bola, MAR dá uma ordem ao seu parceiro para que o mesmo volte para a marcação.

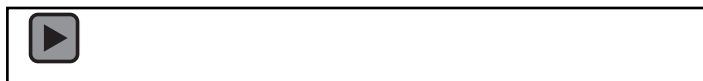
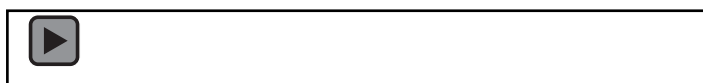
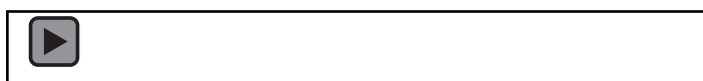


\*CAR: [134] volta //

Exemplo (22) – bfamcv33 (áudios Ex.22-c, Ex.22, Ex.22.-n, Ex.22-m, Ex.22-1 e Ex.22-1-m)

Situação: o falante BAO quer que seu irmão pegue uma almofada e a entregue a HEL, que os está visitando e está assentada no chão. Por esse motivo, BAO realiza uma ilocução de Ordem





\*DAN: [26] cê quer uma almofada // [27] Marco / dá essa almofada <marrom aí / o'> //

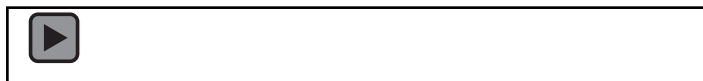
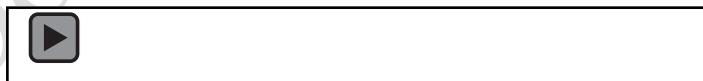
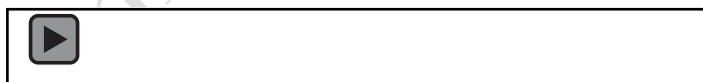
\*JUL: [28] <yyyy> //

\*HEL: [29] <é bom / é bom> //

\*BAO: [30] <dá a almofada> marrom pra Helô //

Exemplo (23) – bfamcv08 (áudios Ex.23-c, Ex.23, Ex.23-n e Ex.23-1)

Situação: duas amigas que acabam de voltar de um supermercado querem fazer a divisão de gastos das compras. BRU pega a nota fiscal dos produtos e realiza uma ilocução de Ordem, com atitude de Cortesia, para que a interlocutora anote quais produtos pertencem a todas e quais pertencem a cada uma.



\*BRU: [228] deixa eu só marcar o que é de todo mundo aqui // [229] vai colocando aí / Flávia //

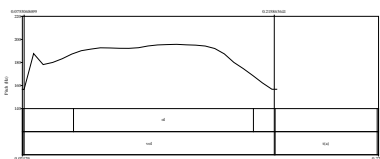


Fig.19 – Ex. (21)  
\*CAR: volta //

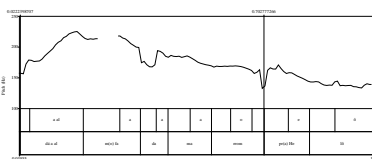


Fig.20 – Ex. (22)  
\*BAO: <dá a almofada>  
marrom pra Helô //

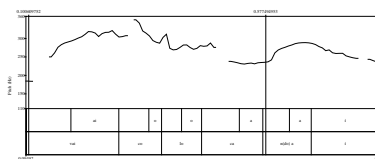


Fig.21 – Ex. (23)  
\*BRU: vai colocando aí /  
Flávia //

O núcleo da ilocução de Ordem é composto por uma configuração ascendente-descendente de  $F_0$  que pode ser realizada em mais de uma sílaba, como em (22) e (23). No caso da unidade de Comentário ser formada por somente uma palavra, o núcleo localiza-se na tônica. Parece não haver alongamento nas sílabas do núcleo. A ilocução de Ordem aparenta possuir valores superiores de  $F_0$  (de ataque, máxima, média e mínima) se comparada à ilocução de Instrução, como indica o Quadro 4<sup>28</sup>. A excursão de  $F_0$ , se calculada em semitons, parece não diferir significativamente da ilocução de Instrução. A ilocução de Ordem pode apresentar *coda*. Todavia, até o presente momento, não foi encontrada uma Ordem com preparação.

Quadro 4 – Comparação de valores de  $F_0$  entre Instrução e Ordem

Ex.	Ilocução	Conteúdo locucionário	Sexo	$F_0$ ataque	$F_0$ mín	$F_0$ máx	$F_0$ média	$F_0$ excursão
(18)	instrução	deixa o carro descer //	M	134 Hz	124 Hz	159 Hz	141,5 Hz	35 Hz -4.3 semitons
(19)	instrução	abre um pouquinho a base lá //	M	108 Hz	87 Hz	138 Hz	112,5 Hz	51 Hz -8 semitons
(20)	instrução	experimenta pôr essa pedra com esse bico virado para cá //	M	145 Hz	80 Hz	174 Hz	127 Hz	94 Hz -13.5 semitons
(21)	ordem	volta //	M	179 Hz	181 Hz	195 Hz	188 Hz	14 Hz -1.3 semitons
(22)	ordem	dá a almofada marrom pra Helô //	M	173 Hz	133 Hz	224 Hz	178,5 Hz	91 Hz -9 semitons
(23)	ordem	vai colocando aí / Flávia //	F	278 Hz	232 Hz	338 Hz	285 Hz	106 Hz -9 semitons

<sup>28</sup> Uma vez que o Quadro 4 compara um número muito restrito de falantes e que os falantes são, por vezes, de sexos opostos, os dados apresentados devem ser tomados somente como um indício de diferença entre as ilocuições de Ordem e Instrução. Para se fazer essas medidas de maneira confiável, seria necessário utilizar o mesmo falante e a mesma estrutura léxico-sintática para ambas as ilocuições. Assim, as medidas comparativas só podem ser feitas a partir de exemplos realizados em laboratório.

### 5.3. Descrição pragmático-cognitiva do contexto de realização da ilocução

Essa parte da metodologia consiste na identificação, para cada ilocução, de seus parâmetros necessários, parâmetros de adequação e parâmetros de eliciação. Chamaremos de *contexto de eliciação* de uma ilocução o contexto formado por todos os seus parâmetros necessários, de adequação e de eliciação. O contexto necessário se opõe ao *contexto de realização*, composto de todos os parâmetros efetivamente presentes em uma realização.

Com base nos traços pragmáticos e traços cognitivos apresentados na seção 2.1, podemos fazer uma caracterização pragmática provisória da ilocução de Advertência<sup>29</sup>:

Quadro 5 – Parâmetros pragmáticos da ilocução de Advertência

Parâmetro	Descrição para a ilocução de Advertência
Canal de comunicação	O parâmetro não é relevante. A ilocução pode ser realizada com o canal de comunicação fechado ou aberto.
Horizonte atencional	O parâmetro não é relevante. A ilocução pode ser realizada com o horizonte compartilhado ou não compartilhado. É possível realizar uma advertência ao telefone, por exemplo.
Foco atencional	O parâmetro não é relevante. A ilocução pode ser realizada com o foco compartilhado ou não compartilhado. É possível realizar uma advertência ao telefone, por exemplo.
Relação entre falante e interlocutor	Controle do falante. Parâmetro relevante. É necessário que o falante possua um controle contextual sobre o interlocutor oriunda de algum conhecimento possuído pelo falante e não compartilhado com o interlocutor.
Implicações de conhecimento	Parâmetro relevante. É necessário um conhecimento prévio por parte do falante, o qual não necessariamente deve ser expresso no conteúdo locucionário do enunciado (é possível realizar uma Advertência com o conteúdo locucionário “pensa bem”).
Operabilidade	O parâmetro não é relevante. É possível realizar a ilocução de Advertência para mudar a linha de ação do interlocutor com relação a uma ação futura, como em (10).
Ativação afetiva	Alta. Parâmetro relevante. Para se realizar uma Advertência, é necessária uma ativação afetiva alta por parte do falante.
Condição preparatória	Necessidade de mudança cognitiva no interlocutor. Parâmetro de eliciação. Para realizar uma Advertência, é frequente que o falante acredite que o interlocutor deva reconsiderar a sua opinião com relação a algum assunto para evitar consequências negativas, como em (9) e (10).
Linha de ação	Parâmetro de eliciação. A Advertência pode sugerir uma alta descontinuidade na linha de ação do interlocutor, como nos exemplos (9) e (10), ou exigir uma descontinuidade baixa, como em (11). Nesse exemplo, basta que os interlocutores de HEL consintam com o reposicionamento da garrafa.

<sup>29</sup> Por economia de espaço, faremos uma descrição pragmático-cognitiva de forma sistemática apenas da ilocução de Advertência.

## 5.4. Experimentos em laboratório

De posse da primeira descrição prosódica e de uma hipótese de descrição pragmático-cognitiva de uma ilocução, passa-se à fase dos experimentos em laboratório. Os experimentos têm como objetivo validar as descrições feitas anteriormente.

### 5.4.1. Validação do contexto pragmático-cognitivo

Para a validação do contexto pragmático, é necessário elaborar e registrar em vídeo algumas situações comunicativas fictícias contendo as características identificadas anteriormente. Em alguns casos, enquanto diferentes atores tentam reproduzir o perfil prosódico desejado na situação fictícia, ocorre que o perfil produzido seja sistematicamente diferente do original. Esse é um indício de que a situação não elicia a ilocução objeto de estudo. Nesse caso, é necessário verificar as características pragmáticas presentes na situação fictícia e ajustá-las, observando os exemplos do corpus. Esse trabalho é feito continuamente até que todas as cenas produzidas com o conjunto de características necessárias e de eliciação de uma elocução resultem sempre na ilocução que se está estudando.

Um ponto fundamental da metodologia é que o conteúdo locucionário das ilocuções estudadas seja sempre o mesmo, o qual deve ser apropriado aos diversos contextos que eliciam as ilocuções. Essa é uma condição para o próximo procedimento.

Até o presente momento, não foram realizados os testes para a validação do contexto pragmático e para a verificação da exclusividade do contexto de eliciação com dados do Português Brasileiro. Por esse motivo, exemplificaremos esses procedimentos com testes feitos no LABLITA.

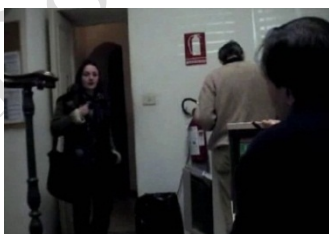


Fig.22 – Ilocução: Instrução



Fig.23 – Ilocução: Ordem

As Figuras 22 e 23 mostram um quadro dos vídeos das ilocuções de Instrução e Ordem. Na situação de Instrução, uma estudante entra no escritório de uma faculdade e pergunta onde



é a sala em que será feita uma prova. O homem aponta um corredor e realiza a Instrução com o conteúdo locucionário *gira a destra* ("vire à direita"). Na situação de Instrução, uma mulher carrega uma caixa que tampa a sua visão, enquanto um homem indica por onde deve andar. Aos poucos, a mulher se aproxima da parede. Para evitar que bata na parede, o homem realiza uma Ordem com o mesmo conteúdo locucionário da situação anterior. Os vídeos foram produzidos observando-se as características pragmáticas das ilocuções de Ordem e de Instrução e foram validados uma vez que as ilocuções produzidas por eles continham o perfil prosódico adequado para cada ilocução.

#### **5.4.2. Verificação da exclusividade do contexto e de eliciação, ou teste de substituição**

Com a finalidade de verificar se o contexto de eliciação descrito para uma ilocução é exclusivo dessa ilocução, o pesquisador deve substituir o áudio da ilocução estudada pelo áudio de outras ilocuções na situação que se deseja testar. Assim, para se estudar as ilocuções de Ordem e Instrução, deve-se colocar o áudio da ilocução de Ordem na situação de Instrução e vice-versa. Assim como o conteúdo locucionário dos enunciados é sempre o mesmo, o único elemento que diferencia as ilocuções é o conjunto de propriedades prosódicas do Comentário. Se a substituição dos áudios causa inadequação, significa que a situação elicia exclusivamente a ilocução desejada. Se a substituição não causa inadequação, a descrição dos parâmetros pragmáticos deve ser ainda mais refinada e deve ser produzido um novo vídeo com as características adequadas. Para mostrar como funciona esse teste, vamos recorrer mais uma vez às análises feitas no LABLITA: em um teste preliminar, o áudio da Instrução foi inserido na situação de Ordem. O vídeo resultante foi exibido a falantes nativos, os quais julgaram o resultado como sendo inadequado. Isso indica que a situação fictícia produzida para a Ordem elicia, de fato, somente essa ilocução e que, conseqüentemente, os parâmetros pragmáticos de eliciação da ilocução de Ordem foram descritos adequadamente. Inserindo o áudio de Ordem na situação de Instrução, chegou-se a um resultado igualmente inaceitável.

Como resultado dos experimentos descritos acima, o pesquisador dispõe de uma lista apurada dos parâmetros pragmático-cognitivos do contexto de eliciação de uma ilocução.

### **5.4.3. Testes para descrever variações prosódicas possíveis de uma ilocução em função de diferenças acentuais no conteúdo locucionário da unidade informacional**

Como observamos na seção 4.2.3, os exemplos encontrados em corpus indicam que o núcleo da ilocução de Oferta inicia-se na última tônica e a pós-tônica tende a ter a sua vogal apagada. Essa tendência manifesta-se em dois dos três exemplos analisados. Para ser confirmada, porém, convém testá-la em uma quantidade maior de dados. Além disso, a descrição de forma entonacional deve conseguir prever como ela se manifesta em diferentes estruturas acentuais: é possível que uma mesma forma entonacional se realize de maneira diferente em uma unidade formada por uma única palavra paroxítona ou por uma palavra proparoxítona, ou então por um grande número de palavras. Com relação à ilocução de Oferta, encontramos somente exemplos de paroxítonas – motivo pelo qual não sabemos ainda como essa ilocução se comporta em oxítonas ou proparoxítonas.

Em face da dificuldade de se encontrar em contexto natural uma grande quantidade de enunciados com a mesma ilocução e diferentes estruturas acentuais, é necessário criar tais exemplos em laboratório e para verificar como a forma entonacional se manifesta nas mesmas. Para isso, são utilizados os vídeos com os contextos de elicitación das ilocuições.

Em primeiro lugar, o pesquisador deve escolher um conjunto de palavras com diferentes estruturas acentuais para serem testadas em uma ilocução. É fundamental que as palavras se adequem semanticamente à situação apresentada pelo vídeo. Em seguida, deve ser criada uma nova versão do vídeo em que é suprimido o áudio relativo à ilocução que se quer testar. Posteriormente, um falante nativo, estimulado pelo vídeo, deve realizar a ilocução, como se estivesse participando da interação ali retratada. A ilocução produzida pelo falante nativo é gravada e, em seguida, submetida à análise prosódica.

Esse procedimento deve ser realizado com todas as ilocuições a fim de se obter uma descrição mais abrangente das formas prosódicas.

### **5.4.4. Testes para descrever variações prosódicas de uma ilocução em função de diferenças de atitude**

Devemos ainda considerar que uma ilocução pode sofrer alterações em sua realização prosódica em função da atitude expressa no enunciado. Assim, é de grande importância distinguir, nos exemplos extraídos de corpus, as propriedades prosódicas da forma entonacional da ilocução e das propriedades prosódicas da atitude. Para compreender como isso pode ser

feito, analisaremos em primeiro lugar os exemplos (22) e (23)<sup>30</sup>, que veiculam a ilocução de Ordem com atitudes diferentes. Enquanto em (22) a ilocução não apresenta uma atitude especialmente marcada, a ilocução do exemplo (23) possui a atitude de Cortesia. Por meio de manipulações da curva de  $F_0$  desses enunciados, tentaremos compreender como se dá a atribuição da atitude.

A atitude de Cortesia de (23) está relacionada à configuração ascendente-nivelada-descendente de  $F_0$  localizada na *coda* tonal da unidade de Comentário (que corresponde à palavra “aí”), em destaque na Figura 24. Efetivamente, ouvindo uma edição do áudio que elimina a *coda* tonal, continua-se com a percepção de que a ilocução trata-se de uma Ordem, mas agora desprovida da atitude de Cortesia (áudio Ex.23-1). Há, ao menos, duas possibilidades de interpretação para esses dados:

- i. a atitude de Cortesia é veiculada sempre **na coda tonal** do Comentário;
- ii. a atitude de Cortesia é veiculada sempre **na posição final** do Comentário, não importando se o Comentário termina em um semi-núcleo ou em uma *coda* tonal.

Em primeiro lugar, utilizamos o programa *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2011) para manipular a *coda* de (22) – Figura 25 – transformando o seu curso original de  $F_0$  em uma configuração ascendente-nivelada-descendente – Figura 26. Como resultado, obtivemos uma ilocução de Ordem com a atitude de Cortesia (áudio Ex.22-m). Essa manipulação mostra que, na ilocução de Ordem, a atitude de Cortesia está, de fato, ligada à configuração ascendente-nivelada-descendente, mas não permite compreender qual das duas hipóteses está correta.

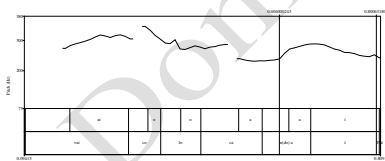


Fig.24 – Ex. (23) com *coda*  
\*BRU: vai colocando aí / Flávia //

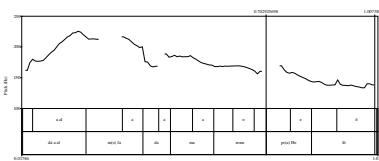


Fig.25 – Ex. (22) com *coda*  
\*BAO: <dá a almofada> marrom  
pra Helô //

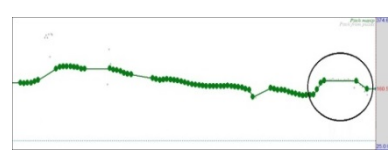


Fig.26 – Manipulação de  
com *coda*

Em seguida, tentamos simular a atitude de Cortesia em uma ilocução de Ordem que não possui *coda*. Para isso, inserimos a configuração de  $F_0$  característica da atitude de Cortesia na versão sem a *coda* tonal do exemplo (22). Como resultado, conseguimos simular a atitude de

<sup>30</sup> (22) \*BAO: [30] <dá a almofada> marrom pra Helô //

(23) \*BRU: [229] vai colocando aí / Flávia //

Cortesia no enunciado sem que a ilocução fosse alterada (áudio Ex.22-1-m) – Figuras 27 e 28. Sendo assim, essa manipulação indica que a segunda hipótese está correta: a atitude de Cortesia é veiculada, na ilocução de Ordem e no PB, sempre ao final da unidade de Comentário, quer ele termine em uma *coda*, quer ele termine no núcleo.

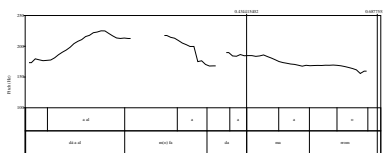


Fig.27 – Ex. (22) sem coda  
\*BAO: <dá a almofada> marrom



Fig.28 – Manipulação de (22) sem coda

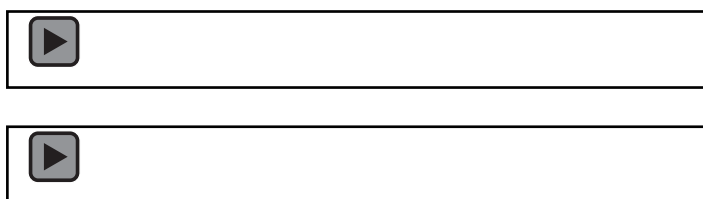
As manipulações aqui expostas mostram que: do ponto de vista teórico, há relação direta entre a veiculação da ilocução (que ocorre no núcleo do Comentário) e da atitude (que não ocorre necessariamente no núcleo do Comentário); do ponto de vista prático, é preciso cuidado para não se confundir variações prosódicas ilocucionárias com variações prosódicas atitudinais.

Firenzuoli (2005), em sua descrição prosódica da ilocução de Ordem no Italiano, identifica uma porção descendente de  $F_0$  que sempre ocorre ao final da unidade que veicula a ilocução. A autora chama essa porção de *final low*. Quando a unidade não possui coda, o *final low* é contíguo à configuração de  $F_0$  que caracteriza a ilocução de Ordem. Quando possui coda, localiza-se ao final da coda. Em face da diferença que estabelecemos entre ilocução e atitude, conseguimos compreender que o *final low* trata-se, na realidade, da veiculação da atitude não marcada na ilocução de Ordem.

Temos um caso análogo na descrição da ilocução de Instrução no Italiano por Firenzuoli (2005). Nela, a autora identifica uma porção final plana, a qual chama de *final plateau*, que deve localizar-se ao final da unidade. Aqui também podemos compreender o *final plateau* como a inserção da atitude não marcada na ilocução de Instrução, o que pode ser observado nos exemplos (18), (19) e também no exemplo (24), oriundo do C-ORAL-ROM Italiano. A transformação da porção plana final de (24) em uma configuração ascendente é igualmente capaz de alterar a atitude não marcada para uma atitude de Cortesia.

Exemplo (24) – iprrdl04 (Ex.24 e Ex.24-m)

Situação: INS conta a LAU casos de sua infância. Em um momento, LAU diz que fazia muitas maldades com seus irmãos, em especial com o mais novo.



\*LAU: [25] **dimmi qualche dispetto che facevi //**

\*LAU: [25] **me fala alguma maldade que você fazia //**

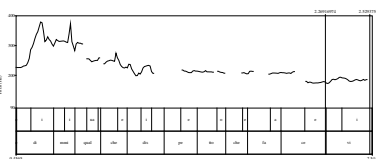


Fig.29 – Ex. (24)

\*LAU: **dimmi qualche dispetto che facevi //**

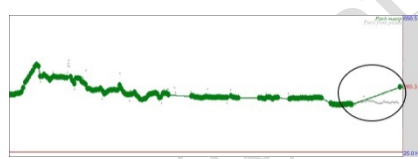


Fig.30 – Manipulação de (24)

Em face de dificuldade de se distinguir, à primeira vista, ilocução de atitude, é fundamental que o pesquisador trabalhe com a maior quantidade possível de dados. Quando são encontrados enunciados que aparentam veicular a mesma ilocução e que apresentam diferenças prosódicas entre si, o pesquisador deve manipular os parâmetros tal qual mostrado ao longo dessa seção. Dessa forma, o pesquisador terá mais subsídios para avaliar se as diferenças prosódicas entre os exemplos são de origem ilocucionária ou atitudinal. Em todo caso, recomenda-se, em um primeiro momento, que se trabalhe com ilocuções realizadas com uma atitude não marcada.

## 6. Conclusão

Nesse trabalho, apresentamos uma nova metodologia, ainda em desenvolvimento, para o estudo das ilocuções presentes na fala espontânea. A metodologia, de caráter empírico, baseia-se na identificação das ações realizadas em corpus e, posteriormente, na descrição das formas entonacionais e dos parâmetros pragmático-cognitivos associados a elas.

Foram apresentadas as descrições prosódicas iniciais das ilocuções de Advertência, Oferta, Instrução e Ordem, e foi feita a caracterização pragmático-cognitiva da ilocução de Advertência. Mostramos também que a ilocução e a atitude se realizam pela prosódia, mas de maneiras diferentes. A ilocução é veiculada exclusivamente no núcleo da unidade

informativa de Comentário. A atitude pode ser atribuída em diferentes porções do Comentário, não necessariamente no seu núcleo. A atitude de Cortesia é veiculada sempre ao final da unidade informativa de Comentário, independente da unidade terminar em uma *coda* ou no núcleo.

Com relação aos seus desenvolvimentos futuros, alguns pontos da metodologia devem ser mais bem trabalhados, em particular, a descrição de cada classe ilocucionária, a caracterização dos parâmetros pragmático-cognitivos e a descrição prosódica das atitudes.

## Referências

- ALSTON, W. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972 [1964].
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Berna: Francke Verlag, 1950.
- BARBOSA, P. A. Semi-automatic and automatic tools for generating prosodic descriptors for prosody research. In: BIGI, B.; HIRST, D. **Proceedings from TRASP 2013**, Tools and Resources for the Analysis of Speech Prosody, August 30, 2013. Laboratoire Parole et Langage, Aix-en-Provence, 2013, pp. 86-90.
- BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. **The Longman Grammar of Spoken and Written English**. Harlow-Essex: Pearson Education, 1999.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer**, 2011.
- CRESTI, E. **Corpus di Italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- CRESTI, E. Modalità e illocuzione. In: BECCARLA, C.; MARELLO, C. **Scritti in onore di Bice Mortara Garelli**. Torino: Edizioni dell'Orso, 2001.
- CRESTI, E.; GRAMIGNI, P. Per una linguistica corpus based dell'italiano parlato: le unità di riferimento. In: LEONI, F.A; CUTUGNO, F.F.; SAVY, M. **Il parlato italiano**. Atti del Convegno Nazionale "Il Parlato Italiano". Napoli: D'Auria Editore, 2004.
- CRESTI, E.; MONEGLIA, M. **C-Oral-Rom: Integrated Reference Corpora For Spoken Romance Languages**. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p.304.
- CRYSTAL, D. **The english tone of voice**. Londres: Edward Arnold, 1975.
- FIRENZUOLI, V. **Forme Intonative di Valore Illocutivo dell'Italiano Parlato: Analisi Sperimentale di un Corpus di Parlato Spontaneo**. Tese (Doutorado em Linguística) – Università degli Studi di Firenze, 2003.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. **Syntax and Semantics**, 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. Spoken and written language. Oxford: Oxford University Press, 1985.

MACWHINNEY, B. J. **The CHILDES Project**: Tools for Analyzing Talk. 3rd Edition. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2 v, 2000.

MARTIN, P. WinPitch Corpus: A text to Speech Alignment Tool for Multimodal Corpora. Lisboa: LREC, 2004.

MELLO, H.; RASO, T. Illocution, Modality, Attitude: different names for different categories. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. **Pragmatics and Prosody**: Illocution, Modality, Attitude, Information, Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011, p.1-18.

MELLO *et al.* Prolegômenos sobre modalidade. In: **Domínios de Lingu@gem**, ano 3, nº 1, 1º semestre de 2009, 2009.

MONEGLIA, M. Spoken Corpora and Pragmatics. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2011, p.479-519. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/arquivos/335.pdf>

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. In: BORTOLINI, U.; PIZZUTO, E. **Il Progetto CHILDES Italia**. Pisa: Del Cerro, 1997, p.57-90.

NENCIONI, G. **Di scritto e di parlato**: discorsi linguistici. Bologna: Zanichelli, 1983.

RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I**: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a.

RASO, T. O corpus C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I**: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012b.

RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I**: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SBISÀ, M.; TURNER, K. **Pragmatics of speech actions**. Berlin: De Gruyter, 2013.  
<http://dx.doi.org/10.1515/9783110214383>

SEARLE, J. R. **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

\_\_\_\_\_. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

**DOI**: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511609213>

SEARLE, J. R.; VANDERVEKEN, D. **Foundations of Illocutionary Logic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

't HART, J. *et al.* **A perceptual study of intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VANDERVEKEN, D. Non-Literal Speech Acts and Conversational Maxims. In: LEPORE, E.; Van GULICK, R. **John Searle and his critics**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1993 [1991].

Artigo recebido em: 31.08.2013

Artigo aprovado em: 23.11.2013

Domínios de Lingu@gem